

FNLIJ 48 anos em prol da literatura para crianças e jovens



FNLIJ celebra o DILI em evento na Biblioteca Nacional



Isis Valéria, Vânia Resende, Rosa Maria Lima e Esliabeth Serra



Luciana Sandroni

Fotos: Maritza Lima

Patrocinadora da mensagem do DILI – Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil de 2016 do IBBY– International Board on Books for Young People, a FNLIJ celebrou no dia 18 de abril, no auditório da Biblioteca Nacional, a data em homenagem a Hans Christian Andersen – dois de abril – e também o Dia Nacional do Livro Infantil, dedicado a Monteiro Lobato no seu aniversário, 18 de abril. O evento teve transmissão ao vivo via internet pela Embratel.

Com condução da Secretária Geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, a programação do evento constou de:

Abertura – Moema Salgado, diretora do Centro de Cooperação e Difusão da Fundação Biblioteca Nacional, representado seu presidente, Renato Lessa, que não pôde comparecer e da Presidente do Conselho Diretor da FNLIJ, Isis Valéria.

Apresentação DILI/IBBY/FNLIJ – Elizabeth Serra

Duas experiências brasileiras sobre DILI–IBBY: Rosa Maria Lima, bibliotecária do Maranhão e a educadora Vânia Resende, de Minas Gerais.

Lançamento do Concurso FNLIJ–DILI Era uma vez... Uma proposta de leitura compartilhada.

Encontro com autores da mensagem e pôster do DILI 2016 – Ziraldo e Luciana Sandorini – mediação Roger Mello. Infelizmente, Ziraldo não pôde comparecer.

Na abertura, Moema Salgado, leu a mensagem de Renato Lessa, reproduzida a seguir.

Caros amigos,

Teria sido uma alegria imensa estarmos juntos nesta comemoração. Nada de mais importante do que celebrar, a qualquer momento, a literatura e a obra civilizatória dos que a praticam e a promovem. Os dias que correm não têm sido fáceis, e um dos corolários da crise na qual estamos todos inseridos é a necessidade de estar, na data de hoje, em uma reunião no Ministério da Cultura, para avaliação do quadro e do rumo a seguir. De qualquer forma, celebrarei nossa efeméride literária a meu modo e à distância, um tanto apaziguado por saber que pelo menos em algum lugar do país haverá um culto à imaginação. E devo dizer que é grande a alegria de saber que isso ocorrerá nesta tarde, na Biblioteca Nacional. Agradeço muito à FNLIJ pela decisão em realizar o encontro nas

dependências desta Casa. Mais do que refletir a realidade, a literatura afeta a realidade. Sua potência é a imaginação, vale dizer, a capacidade de inventar mundos, de suplementar a experiência direta, por vezes dura como a pedra, com acréscimos visionários. Se há, como nos ensinou João Cabral de Mello Neto, uma “educação pela pedra” – “aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal” –, impõe-se a escuta do que disse Paul Valéry: “o que seria de nós sem o socorro das coisas que não existem?” No dia de hoje, teria sido um belo curativo reunir-me com vocês, para celebrar a obra imaginativa dos autores e promotores da literatura infantil. Falar da potência civilizatória da literatura e do imperativo de sua difusão e universalização entre os brasileiros. Em um dia de ressaca petrificada, nada como buscar refrigério das virtudes da imaginação. Somos um país de telespectadores e de leitores esparsos. O usufruto – não digo o “consumo” – da literatura e das delícias de uma vida com os livros não se constitui como aspecto central de nossos hábitos básicos. Nosso déficit educacional e cultural é espantoso, além de injustificável. O papel da literatura infantil é crucial e estratégico diante de quadro tão regressivo. Os que tiveram e têm a felicidade de ter suas infâncias povoadas por livros da qualidade propiciada pela literatura infantil brasileira, estão como que condenados a viver uma vida na qual estarão inscritos os efeitos da imaginação, da capacidade crítica, da esperança e da indignação. Falo por mim e pela minha geração, educada nas fabulações de Monteiro Lobato, que nos induzia a imaginar que mesmo a natureza poderia ser reformada e que viagens a outros mundos eram experimentos absolutamente necessários. O deprimente espetáculo proporcionado ao país no dia de ontem deve alarmar os que acreditam de fato neste país. Não me refiro às escolhas divergentes – o sim ou o não –, que são essenciais na vida democrática, mas à rarefação da linguagem pública e o culto da ignorância. A resistência a tal cultura degradada ultrapassa o âmbito da política e exige a defesa de nossas capacidades reflexivas e imaginativas, independente de nossas escolhas políticas pessoais. Ainda que taciturnos, podemos e devemos nutrir grandes esperanças. A literatura infantil é, a meu juízo, uma das reservas que dispomos para alimentar tais esperanças. Desejo a todos um excelente encontro e deixo meu mais afetuosamente e solidário abraço aos amigos da FNLIJ e aos criadores da nossa literatura infantil.

Além de falar da mensagem do DILI de 2016, Isis lembrou as duas primeiras mensagens patrocinadas pela FNLIJ: a de 1984, com o tema *A troca*, de Lygia Bojunga com ilustração de Angela Lago e a de 2003, *Livros: o mundo numa rede encantada*, com texto de Ana Maria Machado e ilustração do colombiano Rafael Fabrice Yockteng Benalcázar. *Eu tive a alegria de ser editora dessas três escritoras que fizeram a mensagem internacional. Esta é uma alegria muito grande para mim*, afirmou Isis.

A seguir, Elizabeth, com o auxílio de imagens, fez uma rápida apresentação sobre o trabalho internacional do IBBY, que muitas vezes não é do conhecimento de todos, onde o DILI é uma importante atividade. Elizabeth registrou antes a presença no evento de Laura Sandroni, uma das fundadoras da FNLIJ em 1968 e, em seguida falou sobre a criação do IBBY pela alemã Jella Lepman em 1953. O IBBY é mantido por anuidades pagas pelas Seções Nacionais e seu Comitê Executivo trabalha de maneira voluntária, com apenas três funcionários remunerados. O público também pôde conhecer por imagens algumas das mensagens do DILI. *Acho importante vocês conhecerem a importância da promoção desse dia, qual é o nosso compromisso internacional e nacional com a mensagem do DILI*, disse Elizabeth. A secretária geral também apresentou o folder da mensagem em inglês, com tradução de Linda McGill, enviada às 76 seções IBBY ao redor do mundo. Elizabeth destacou que a FNLIJ incluiu no folder, que apresenta o pôster, o texto, fotos e biografias dos autores da mensagem; um tributo à Monteiro Lobato e fotos dos vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen do Brasil, as escritoras Lygia Bojunga, em 1982, Ana Maria Machado, em 2000 e o ilustrador Roger Mello, em 2014. Ao final de sua fala, Elizabeth convidou a professora e pesquisadora Nilma Lacerda, que estava na plateia, para dar um depoimento como participante dos congressos da entidade, lembrando que ela também é IBBY.

Nilma falou sobre a força da literatura infantil e juvenil, também citando Jella Lepman e seu trabalho ao cuidar das crianças no pós-guerra da Alemanha por meio dos livros. Para a professora *Jella Lepman teve esse saber, que é no livro para as crianças e jovens que ela pode alcançar com aquelas crianças completamente desvalidas, vendo a morte a todo o momento, a reconstrução e a paz*.

A mesa seguinte teve como objetivo trazer experiências com a mensagem do DILI. A bibliotecária e votante da FNLIJ Rosa Maria Lima, de São Luiz e a educadora Vânia Resende, de Uberaba, que também já foi votante, apresentarem seus trabalhos de promoção de leitura inspirados nas mensagens. É importante destacar que as palestrantes vieram de suas cidades prestigiar o evento com quase nenhum apoio. Rosa Maria citou as ações e projetos em torno da LIJ no Maranhão que acontecem nos dias 2 e 18 de abril, voltados para as comemorações de Andersen e Lobato, como o *Projeto Livro na Praça*.

Vânia falou sobre as ações realizadas em torno das mensagens do DILI na livraria Menino Maluquinho, da qual foi proprietária de 83 a 94, além dos projetos preparados nas Bibliotecas Ler é Preciso, do Instituto Ecofuturo, como uma das professoras da FNLIJ. As apresentações de Rosa Maria e Vânia serão em breve publicadas no *Notícias FNLIJ*.

Marina Colasanti, presente na plateia, foi convidada a fazer uma análise do que foi apresentado pelas duas e da importância da biblioteca para a literatura infantil e juvenil, reproduzida abaixo:

Duas utilizações inteligentes

Ouvimos duas apresentações muito interessantes e totalmente diferentes. Essas duas Marias – Rosa Maria Ferreira Lima e Vânia Maria Resende – vêm há muitos anos tirando da mensagem do DILI o sumo mais conveniente para seus projetos e seu entorno.

SEDE DO IBBY

O International Board on Books for Young People, fundado em 1953, é composto de um Comitê Executivo, eleito a cada dois anos, formado pelo Presidente, por dez membros, pelo presidente do júri do Prêmio Hans Christian Andersen, além do editor da revista Bookbird e tesoureiro. Todos os integrantes do Conselho Executivo trabalham voluntariamente, custeando inclusive, suas passagens para as reuniões anuais.

A sede do IBBY se encontra na Basileia, Suíça, onde trabalham três funcionárias remuneradas, Liz Page, Diretora executiva, Luzmaria Stauffenegger, assistente administrativa e Susan Dewhirst, assistente administrativa meio período. As taxas anuais das seções nacionais são a única fonte de renda regular do IBBY. O financiamento independente, as doações públicas e privadas também são necessárias para manter as atividades da entidade.



Acima, Susan Dewhirst e a seguir Luzmaria Stauffenegger e Liz Page



Roger Mello



Marina Colasanti



Nilma Lacerda

Rosinha – como todos carinhosamente a conhecemos – usa a mensagem como um cavalo, como um meio de transporte. Ou seja, aproveita o reconhecimento da data e a sua repercussão na mídia, para incorporar seu projeto de leitura e dar-lhe mais visibilidade.

A estratégia deu muito certo, como demonstram fotos e vídeos feitos ao longo do percurso. Se no início, quando ela ainda carregava os livros para os eventos, havia poucas crianças e um público minguaado, hoje, quando dispõe de carros biblioteca e do apoio da televisão, vemos uma verdadeira multidão motivada para a leitura.

Vânia, ao contrário, usa a mensagem do DILI como disparador. Um disparador pessoal de ideias. Debruça-se sobre a mensagem, analisa o eixo central, e o adapta. Vânia consegue assim renovar seus próprios pontos de vista e as múltiplas mensagens de que precisa no desenvolvimento dos seus projetos. Bebe a outras fontes, aproveita outras culturas e outras experiências, e através delas se renova.

Rosinha e Vânia são dois belos exemplos da utilidade e do alcance dessa mensagem que uma vez por ano atravessa ao mundo colocando em evidência o livro infantil, e que este ano, para nosso orgulho, foi emitida pelo Brasil.

Em seguida, aconteceu o lançamento oficial do concurso FNLIJ – DILI *Era uma vez...* Uma proposta de leitura compartilhada por Elizabeth Serra. O concurso, voltado para professores, bibliotecários e pais, tem como objetivo levar além a mensagem do DILI, consolidando a promoção do livro de LIJ e a leitura. Serão avaliados os relatos que desenvolvam o tema da mensagem, por meio do cartaz e texto, levando em conta a originalidade e apresentação dos trabalhos.

O regulamento do concurso se encontra no site www.fnlij.org.br. O prazo para entrega dos trabalhos é até 31 de agosto e a premiação será em livros.

No destaque do evento, Luciana Sandroni conversou com Roger Mello sobre a inspiração para criar o texto da mensagem do DILI *Era uma vez...* Com a informação de que o IBBY pedia um texto voltado para as crianças pequenas, Luciana escolheu criar uma história. *Fiquei com a ideia dos contos de fada e lembrei, claro, para variar um pouco, do Monteiro Lobato,*

disse a escritora, que se inspirou no livro *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, quando Emilia escreve uma carta convidando os personagens infantis clássicos para irem morar no sítio. A partir dessa ideia, Luciana colocou a menina Luísa em uma biblioteca, que, tendo que escolher somente um livro, acaba levando para casa vários personagens dos contos de fadas e da LIJ brasileira.

O *Notícias FNLIJ 1* traz o Suplemento Especial com a mensagem do DILI, onde Luciana e Ziraldo falam sobre a criação do texto e ilustração. A mensagem também se encontra no site da FNLIJ.

Roger destacou a biblioteca como o espaço do livro infantil e das crianças e falou sobre a ilustração de Ziraldo para a mensagem. *Quando o Ziraldo pega o trabalho do Michelangelo e traz uma nova apreciação sobre ele – eu conheço muito o Ziraldo, já trabalhei com ele – tudo no Ziraldo é narrativa, não só a ilustração como todo o processo. E aquele elemento informativo, é um elemento deformativo, deformador, porque é ficcional,* destacou Roger.

Ao final, os autores responderam algumas perguntas do público, que foi convidado a conhecer a exposição do DILI, com painéis dos pôsteres das mensagens de 2016, de 1984 e de 2003. O Dia Nacional do Livro Infantil também estava representado na exposição, homenageando Lobato. Foram distribuídos os folders da mensagem e o regulamento do concurso.

A FNLIJ disponibilizou os arquivos dos banners da exposição para os interessados em divulgar e trabalhar as mensagens do DILI patrocinadas pela Fundação.



Isis Valéria e Moema Salgado



Estande FNLIJ



Javier Zabala, Sonja Danowski, Cao Wenxuan e Roger Mello

Feira de Bolonha 2016

O maior evento internacional do livro infantil e juvenil, que aconteceu de 4 a 7 de abril em Bolonha, continua movimentando o mercado editorial do mundo e trouxe para essa edição 1278 expositores de 74 países. Segundo os organizadores, a 53ª Feira de Bolonha teve 9,2% de aumento no número de visitantes, em comparação com o ano passado, demonstrando que a editoria do livro infantil e juvenil vem crescendo ano a ano no mercado exterior. Bolonha recebeu os visitantes do evento comemorando 900 anos da cidade.

Estande FNLIJ

A FNLIJ participou pela 42ª vez no evento, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores e das editoras Berlendis & Vertecchia, Edições de Janeiro, Edições SM, Editora do Brasil, FTD, Global e Moderna|Salamandra. No estande, destaque para os livros selecionados pela instituição, listados no Catálogo FNLIJ – *Selection of Brazilian writers, illustrators and publishers*, e para os títulos vencedores do Prêmio FNLIJ 2015. A Fundação também prestigiou com grandes painéis a mensagem do Dia internacional do Livro Infantil – DILI da FNLIJ, de autoria de Luciana Sandroni e Ziraldo, as autoras indicadas para o prêmio Hans Christian Andersen de 2016, Marina Colasanti e Ciça Fittipaldi e os 40 anos de carreira do ilustrador Rui de Oliveira, além do Projeto Clube Cultural Dragão Azul, de Petrópolis, de Maria Cristina Kerti Basílio, candidato ao Prêmio IBBY-Asahi de Promoção de Leitura.

A FNLIJ, em seu trabalho permanente de divulgar os autores da LIJ brasileira no

mercado internacional, tem no Catálogo FNLIJ seu principal veículo. A publicação em inglês, disponível no site da Fundação para download, teve grande procura dos que visitaram o estande, apresentando em sua capa ilustração de capa de Graça Lima, os 116 livros expostos no estande, além da mensagem do DILI da FNLIJ de 2016, a lista dos títulos vencedores do Prêmio FNLIJ 2015, as autoras indicadas para o prêmio Hans Christian Andersen de 2016 e o artigo sobre os 40 anos de carreira do ilustrador Rui de Oliveira. Na introdução, *Cultura escrita como resistência*, a Secretária Geral Elizabeth Serra destaca o trabalho da Fundação em 2015 e sua trajetória de quatro décadas na Feira de Bolonha, agradecendo o apoio do Ministério das Relações Exteriores e das editoras presentes no estande. Elizabeth lembra também da importância da cultura escrita em um mundo que sofre com todos os tipos de violência. *É por meio das histórias dos livros, fruto da fantasia e da imaginação dos autores, que seus personagens nos falam sobre as coisas boas e os tristes, dos sonhos e frustrações, em suma, da cultura da vida e do mundo, tornando-se um patrimônio universal*, destaca ela.

Como já faz há vários anos após a Feira, a FNLIJ doa o acervo de livros selecionados de seu estande à Biblioteca Juvenil Internacional de Munique e à Embaixada do Brasil em Roma.

Os autores brasileiros presentes na Feira de Bolonha foram Ana Maria Machado, André Neves, Ilan Brenman, Lúcia Hiratsuka, Marcelo Pimentel, Renata Bueno, brasileira morando atualmente na

Holanda e Roger Mello. Volnei Canonic, titular da Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca do Ministério da Cultura – DLLLB, participou do evento representando o Ministério da Cultura.

Roger, que não pôde comparecer à edição da Feira do ano passado, quando aconteceu sua exposição individual como ilustrador vencedor do prêmio HCA de 2014, foi muito festejado e solicitado por todos. O ilustrador participou da mesa *Let's Tell a Story Together: a Dialogue between the Chinese Children's Picture Book and the World* com o escritor chinês Cao Wenxuan, ganhador do Prêmio Hans Christian Andersen de 2016, o ilustrador espanhol Javier Zabala e a ilustradora alemã Sonja Danowski.

Anúncio dos vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen Prêmio IBBY-Asahi de Promoção de Leitura de 2016

Anunciados na conferência de imprensa do IBBY, os vencedores dessa edição do Prêmio HCA foram o chinês Cao Wenxuan, na categoria escritor, e a alemã Rotraut Susanne Berner, na categoria ilustrador.

Autor inédito no Brasil, Cao aborda em seus livros personagens infantis que enfrentam grandes desafios na vida, como os dois irmãos com síndrome de Down da série *Dingding Dangdang*. O livro *A Feather*, lançado em 2014 pelo autor chinês, foi ilustrado por Roger Mello.

Berner, ilustradora premiada na Alemanha, se destaca pelos livros dedicados à primeira infância. No Brasil, seus títulos publicados são: *Célio Coelho e João Cão*, Brinque-Book – 2016; *Diário de livros*, Octavo – 2010, *A gata*, 34 – 2011) e *O ternão tanto faz como fez*, Rocco – 1997.

Os membros do júri, seguidos pelos

São tantos encontros, profissionais e sociais, onde novos vínculos se formam. A primeira visita é para sentir o ambiente, localizar-se no espaço, perceber melhor onde estamos, qual a nossa identidade. E é claro, um lugar para olhar, olhar muito... Lúcia Hiratsuka

países que os indicaram, foram: Kirsten Bystrup, Dinamarca; Reina Duarte, Espanha; Andrej Ilc, Eslovênia; Yasmine Motawy, Egito; María Beatriz Medina, Venezuela; Dolores Prades, Cuba; Lola Rubio, Argentina; Susan M. Stan, Estados Unidos; Qing Wu, China e Shohreh Yousefi from Tehran, Irã. Patricia Aldana, do Canadá, foi a presidente do júri.

Para saber mais detalhes sobre a premiação desse ano, confira a edição especial do Bookbird – Hans Christian Andersen 2016. Assine pelo site www.ibby.org.

A medalha HCA será entregue aos vencedores no 35º Congresso do IBBY, na Nova Zelândia, no dia 20 de agosto.

Os vencedores do Prêmio IBBY-Asahi de Promoção de Leitura de 2016 também foram divulgados durante a conferência de imprensa do IBBY. Com o anúncio da presidente do júri, a russa Angela Lebedeva, os projetos *Read with me*, do Irã e *Big Brother Mouse*, da cidade Luang Prabang, no Laos foram os vencedores.

A Feira

País homenageado – Alemanha

Com o título *Look!*, a Alemanha apresentou sua produção editorial para crianças e jovens no evento. A exposição dos ilustradores alemães, com aproximadamente 300 metros quadrados, apresentou obras originais de 86 artistas. O projeto expográfico da mostra, formada por paredes feitas de tubos de papelão, não valorizou devidamente o belo material dos artistas. O catálogo da exposição trazia a lista dos ilustradores e suas biografias. A presença

da Alemanha na Feira de Bolonha foi organizada pela Feira do Livro de Frankfurt.

Bologna Digital Media

A 53ª edição do evento destacou o livro digital, inaugurando um pavilhão inteiro para a multimídia em publicações infantis. O Bologna Digital Media teve expositores de diversos países, além de algumas das principais marcas internacionais, como Google, The Walt Disney Company e Microsoft. O novo setor teve uma resposta positiva por parte dos profissionais participantes da área.

Exposições

A principal atração da Feira de Bolonha, a *Exposição dos Ilustradores*, destacou ilustradores de várias partes do mundo, selecionados por um júri de especialistas, formando uma vitrine única das últimas tendências da ilustração infantil para ficção e não ficção. Acompanhando a exposição, o catálogo *Annual*, publicação bilíngue em italiano e inglês, é vendido aos principais editores e livrarias especializadas internacionais.

A exposição de 2016 teve um número recorde de candidatos, 3.191 de 61 países. Desses, foram selecionados 77 ilustradores de 18 países.

50 anos da Exposição dos Ilustradores – Durante cinco décadas foram apresentados os mais destacados artistas de todo o mundo e para celebrar o aniversário foi elaborada uma coleção de obras de 50 artistas internacionais mais representativas, escolhidas entre as milhares de ilustrações



Roger Mello, Elisabeth Serra e Volnei Canonica

selecionadas no período. A exposição *Artists and Masterpieces of Illustration, 50 Illustrators' Exhibitions 1967–2016* incluiu um catálogo que pretende registrar a evolução dos livros infantis ilustrados.

A Feira também contou com duas exposições individuais das ilustradoras britânicas Laura Carlin (vencedora da Bienal de Bratislava de 2015 e autora da capa do Catálogo Annual 2016) e Maisie Shearring (vencedora do Prêmio Internacional de Ilustração Feira de Bolonha – Fundação SM 2015), além do espaço dedicado à Alemanha, com a exposição *Look!*.

Premiações da Feira

O BOP – Bologna Prize for the Best Children's Publisher of the Year reconhece editoras de seis continentes que se distinguiram pela sua criatividade e a qualidade do seu trabalho durante o último ano. A Ediciones Ekaré, da Venezuela, ganhou pela América do Sul. Criada como um projeto do Banco del Libro, a Ekaré foi uma das primeiras editoras de livros infantis de qualidade da América Latina e hoje exporta livros para muitos países do continente, além da Espanha. Os outros vencedores foram: África – Bumble Books of Publishing Print Matters, África do Sul; Ásia – Kalimat, Emirados Árabes Unidos; Europa – Andersen Press, Inglaterra; América do Norte – Groundwood Books,

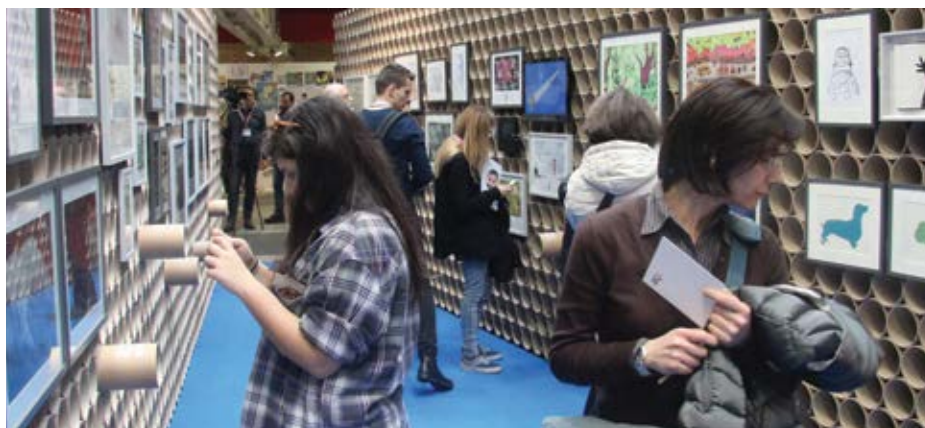


50 anos da exposição dos ilustradores

A Feira de Bolonha 2016 mais uma vez surpreende pela força e desafios na ficção de imagens e de palavras do mundo. Pelo diálogo sem fronteiras que o livro proporciona e pela diversidade, Bolonha inaugura caminhos e inquietudes. Roger Mello



Lucia Hiratsuka no painel da Lista de Honra do IBBY no estande da FNLIJ



Exposição *Look!* da Alemanha

Canadá e Oceania – Book Island, Nova Zelândia.

Os vencedores do **Prêmio Bologna Ragazzi**, direcionado para os editores expositores da Feira, foram: Ficção – *Mon Tout Petit* – de Germano Zullo e ilustrações de Albertine – Éditions La Joie de Lire, Suíça, 2015; Não Ficção – *Libros para Mañana* (Série) – da Equipo Plantel e ilustrações de Marta Pina, Mikel Casal, Joan Negrescolor & Luci Gutiérrez – Media Vaca, Espanha, 2015; News Horizons – *Tongue Twisters* (Lisanak Hisanak) – de Fatima Sharafeddine e ilustrações de Hanane Kai Kalimat, Sharjah, Emirados Árabes Unidos, 2016 e Opera prima – *Acho Rada, La Légende!* – texto e ilustrações de Johanna Benz – Éditions Magnani, França, 2015.

Desde 2012, a Feira de Bolonha premia o melhor da produção digital com o **Prêmio Bologna Ragazzi Digital**. Os vencedores desse ano foram: Ficção – *Wuwu & Co.* – *A Magical Picture Book* – Step In Books, Dinamarca; Não ficção – *Attributes* – Carstens Studios, Estados Unidos e Short List – *Chomp* – Fox and Sheep, Alemanha.

Premiações anunciadas na Feira

Além do Prêmio Hans Christian Andersen do IBBY, Bolonha a cada ano se amplia como palco das principais premiações da LIJ internacional.

Este ano, uma nova premiação anunciou seus ganhadores no evento, o *Prêmio Strega Ragazze e Ragazzi*. Prêmio de literatura tradicional na Itália, o Strega criou a categoria infantil para divulgar a leitura entre as crianças desde o berço. As vencedoras foram *Salta, Bart!*, de Susanna Tamaro, na Categoria + 6 (para

A Feira de Bolonha é um evento onde se pode encontrar profissionais do livro de todas as partes do mundo. Como se isso não bastasse, a qualidade dos debates, conferências e das mostras de ilustração é altíssima. Marcelo Pimentel

os leitores com idade entre 6 e 10 anos) e *Fuori fuoco*, de Chiara Carminati na Categoria + 11 (para os leitores com idade entre 11 e 15 anos).

O júri da premiação foi composto por alunos entre 6 e 15 anos de idade, vindos de 50 escolas primárias e secundárias de toda a Itália.

O *Astrid Lindgren Memorial Award – Alma* é a premiação anual oferecida pelo governo sueco em honra da memória da escritora sueca Astrid Lindgren. Os candidatos são escritores, ilustradores e projetos de promoção da leitura, e tem como prêmio o valor de 480 mil euros. A escritora americana Meg Rosoff foi a vencedora em anúncio realizado por meio de transmissão ao vivo da Suécia. Este ano, 215 candidatos de 59 países foram indicados, entre eles o ilustrador Roger Mello.

O 8º *Prêmio Internacional de Ilustração Feira de Bolonha – Fundação SM* 2016 teve como vencedor o mexicano Juan Palomino. A premiação acontece desde 2009 e é voltada para os artistas com menos de 35 já selecionados para a Exposição dos Ilustradores. O ganhador recebe o valor de 30.000 dólares, que será usado para desenvolver um livro de imagem a ser publicado e lançado no mercado mundial pela Editora SM espanhola. As ilustrações originais do livro também vão ganhar exposição individual na Feira de Bolonha do ano seguinte.

Público em Bolonha

Nessa edição, mantendo o compromisso

de abrir o evento para o grande público, o *Fim de semana para os jovens leitores* aconteceu após a Feira, de 8 a 10 de abril. Com visitas guiadas especiais e workshops, um grande número de crianças e suas famílias pôde conhecer todas as exposições e a Livraria Internacional.

A livraria apresentou a melhor produção de editores de todo o mundo, em um espaço de dois mil metros quadrados. Este ano, uma área especial foi reservada para livros sobre o tema da deficiência. Criada em colaboração com o Giannino Stoppani Cooperativa Cultural, a Livraria Internacional é dedicada à memória das muitas crianças cujo direito à vida tem sido violado e das famílias em busca de proteção e refúgio.

Cidade de Bolonha

A cada ano aumenta o envolvimento da cidade com a Feira de Bolonha. Como em todas as edições, um livreto foi distribuído ao público do evento com a programação da Feira e da cidade, que ofereceu uma intensa agenda de exposições, mostras multimídias, palestras, workshops e encontros com autores realizados em galerias, livrarias, bibliotecas e museus de Bolonha. Dentre as livrarias muito visitadas, estavam a tradicional Libreria per Ragazzi Giannino Stoppani e a nova Libreria Coop Ambasciatori.

Feira de Bolonha 2017

A 54ª edição da Feira de Bolonha vai acontecer de 3 a 6 de abril.

20º Cole

O 20º Congresso de Leitura do Brasil, com o tema *nas dobras do (im)possível*, acontece de 11 a 15 de julho de 2016 na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, SP. A coordenação geral do evento é da Associação de Leitura do Brasil – ALB.

Destaque para o dia 13 de julho, que terá a mesa *Sobre literatura infantil e juvenil e suas práticas de leitura*, com coordenação da Secretária Geral da FNLIJ Elizabeth Serra e os participantes Profa. Nilma Lacerda e Prof. Luiz Percival Britto, além da seção especial *II Perspectivas da Leitura no Brasil*, também com os mesmos integrantes.

Os interessados em participar, podem se inscrever pelo site <http://cole-alb.com.br> e conhecer sua programação.



PROGRAMA-SE!

8 A 19 JUNHO DE 2016

Reservas e informações
Email: visitacoescolar@fnlij.org.br
Tel.: 21 2215-3408/2262-9130
www.salaofnlij.org.br

Centro de Convenções SulAmérica
Av. Paulo de Frontin com Av. Pres. Vargas
Cidade Nova | Rio de Janeiro | RJ

movimento por um Brasil literário
mBrasil*lit*

Acссе www.brasilliterario.org.br e saiba mais



QUERO MINHA BIBLIOTECA

Acссе www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – **iBBY**

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berleendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV – B4 Editores; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Guilherme Zincone, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Daniela Cajueiro e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack e Jorge Carneiro e Roberto Leal; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Suplemento 51

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Texto de João Luís Ceccantini
professor assistente doutor da UNESP



O Suplemento 51 apresenta a segunda parte do texto de João Luís Ceccantini publicado no suplemento da edição do *Notícias FNLIJ 4*. O artigo faz parte do *Anuario Iberoamericano sobre El Libro Infantil y Juvenil 2015*, publicação da Fundação SM que expõe as análises vindas dos países onde a instituição está presente: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha (incluindo artigos sobre a literatura infantil catalã, galega e basca), México, Porto Rico e República Dominicana.

O anuário, editado desde 2004, é uma importante fonte de dados sobre o livro infantil e juvenil na Espanha e América Latina e disponibiliza informações estatísticas, tendências, êxitos e todos os mecanismos para uma análise em profundidade do tema. Em 2015, o relatório observou na América Latina um crescimento do mercado do livro infantil e juvenil, o que representa, em média, 7% da oferta total.

Em seu texto, Ceccantini apresenta e analisa dados numéricos do mercado editorial, cita premiações da LIJ e avalia os títulos vencedores nas várias categorias, elenca os eventos voltados para livro infantil e juvenil no país, além de comentar as publicações sobre LIJ e tendências gerais do mercado.

Conheça o *Anuario Iberoamericano sobre El Libro Infantil y Juvenil 2015*, baixando a publicação no site ww.literaturasm.com/anuario_de_literatura_infantil_y_juvenil.html.

Literatura infantil e juvenil no Brasil Biênio 2013/2014: um balanço (Parte 2)

5. Tendências gerais (reconto, livro informativo, livro de imagens, poesia, criança, traduções)

Um aspecto que chama a atenção no conjunto da produção de literatura infantil e juvenil no Brasil no biênio 2013/2014 é o aprimoramento das edições, seja no âmbito mais estrito do projeto editorial – em que os paratextos e ilustrações têm recebido um cuidado muito especial –, seja no nível da materialidade das obras, que têm alcançado, por vezes, padrões bastante sofisticados. Talvez muitos fatores venham concorrendo para que se tenha chegado a esse patamar, tais como a consolidação e o amadurecimento do sistema literário como um todo, atingindo um ótimo nível de profissionalização no setor; o contínuo e rápido desenvolvimento das técnicas gráficas a custos menos proibitivos; a disputa do livro com outros produtos culturais por espaço junto aos consumidores; a avaliação permanente a que a produção nacional vem sendo submetida em instâncias diversas – prêmios, crítica acadêmica e, sobretudo, comissões de seleção de obras para as compras governamentais, tais como as do PNBE e PNAIC (no nível Federal) e Apoio ao Saber

(governo do Estado de São Paulo) –, o que leva a que as editoras se tornem mais competitivas.

Uma categoria em ascensão no Brasil, hoje, é a do *reconto*, havendo um número crescente de títulos produzidos na área a cada ano, certamente alavancada por diretrizes curriculares (algumas delas amparadas por leis federais), que estimulam o uso da literatura infantil ligada à cultura afro-brasileira e africana e à cultura indígena, embora haja continuidade também na adaptação de histórias da tradição europeia e mesmo a abertura cada vez maior para tradições culturais antes muito pouco disseminadas entre nós.

Alguns títulos da modalidade *reconto* lançados no biênio 2013/2014 são destacados aqui por sua originalidade e boa qualidade literária. *Joãozinho e Maria*, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho³⁶, a conhecidíssima história compilada pelos Irmãos Grimm, é apresentada ao leitor brasileiro numa versão em que os dois protagonistas são crianças negras e muito pobres que vivem na região montanhosa da Serra da Mantiqueira (Sudoeste do Brasil), perdendo-se na mata entre goiabeiras e jabuticabeiras. Os adaptadores, experientes, não caíram nas

armadilhas fáceis do pedagogismo, tendo sabido preservar a intensidade emocional do conto-matriz, mas sem deixar de atribuir-lhe uma sutil conotação de crítica social.

Minimaginário de Andersen, de Kátia Canton³⁷, apresenta ao leitor sete contos clássicos do autor dinamarquês selecionados segundo o critério da representação de personagens humildes, pequeninas, frágeis, consideradas diferentes e até marginalizadas. O efeito de conjunto é tocante e ganha ainda maior relevo por se amparar num projeto gráfico primoroso, que se vale de um formato de livro bem pequeno. A obra é ilustrada por imagens experimentais de Salmo Dansa, que brincam com a ideia de miniatura, sendo aplicadas no livro em tamanho original. Foram explorados materiais domésticos e pouco convencionais, de dimensão miniaturizada, tais como palitos de fósforos, pedacinhos de couro, pétalas desidratadas, asas de borboletas e antigas fitas cassete.

Uma vertente também forte hoje no que diz respeito à categoria *reconto* é a das narrativas indígenas escritas por autores efetivamente indígenas. *Pequenas guerreiras*, de Yaguare Yamã³⁸ (sobre as icamiabas), e *Guaynê derrotada a cobra grande: uma história indígena*, de Tiago Hakiy³⁹, são dois exemplos expressivos de narrativas literárias de boa qualidade criadas por sujeitos que até há pouco tempo não tinham plena voz na sociedade brasileira para difundir sua cultura.

Naninquíá, a moça bonita, de Rogério Andrade Barbosa⁴⁰, um dos pioneiros na divulgação da tradição cultural africana por meio da literatura infantil brasileira, e *A força da palmeira*, de Anabella López⁴¹, escritora e ilustradora argentina hoje radicada no Brasil, exemplificam outra faceta do *reconto* – a da cultura afro-brasileira ou africana, hoje um filão igualmente importante da literatura infantil e juvenil no Brasil. Embora versem sobre universos diferentes, a tradição oral de Guiné-Bissau, no primeiro caso; e a tradição oral do Magreb, no segundo. As duas obras têm em comum projetos gráficos de grande beleza e narrativas que permanecem na memória.

Outro fenômeno digno de nota no que diz respeito ao *reconto* no contexto do mercado editorial brasileiro é o de que, de alguns anos para cá, houve abertura e interesse para o reconto de muitas outras tradições que não apenas a europeia, por vezes levadas adiante por nomes prestigiados da literatura infantil brasileira. É o caso, por exemplo, das *Histórias chinesas*, recontadas por Ana Maria Machado⁴², ou de *As 14 pérolas da sabedoria sufi*, de Ilan Brenman⁴³, narrativas colhidas do Oriente Médio. Destacam-se também na produção recente *A montanha do poder*, de Patrícia Engel Secco⁴⁴, conto da tradição japonesa, e *Vladimir e o navio voador*, de Fábio Sombra⁴⁵, adaptação em versos de um tradicional conto popular russo, com belas ilustrações de Walter Lara.

O nicho dos *livros informativos* é outro que, tal como no caso do *reconto*, vive um momento de franca expansão no mercado nacional. Não é demais lembrar que há cerca de uma década ou pouco mais os livros informativos disponíveis para a criança e o jovem no Brasil eram poucos e, em sua maior parte, traduções. Hoje a situação é outra, predominando em larga vantagem os livros informativos brasileiros, que tratam de questões muito específicas nossas e com um nível de qualidade muito bom, seja no que concerne à natureza do texto, seja no que diz respeito ao projeto gráfico. Trata-se de um momento de maturidade, em que há diversidade de títulos e são produzidas obras criativas e que abordam temas bastante atraentes.

A safra de livros informativos do biênio 2013/2014 é das melhores dos últimos tempos, contemplando temas os mais diversos e projetos gráfico-editoriais de encher os olhos. *Brasil 100 palavras*, de Gilles Eduar⁴⁶, por exemplo, apresenta ao pequeno leitor um livro em formato gigante, de cores esfuziantes, para abordar os seis biomas do Brasil. Explora de forma lúdica conjuntos de palavras características de um dado bioma que devem associadas a ilustrações e verbetes correspondentes.

No campo das artes visuais, duas obras de perfil bem diferente – uma mais austera, outra experimental – cumprem muito bem seu papel formador: *Artes indígenas*, de Alberto Martins e Glória Kok⁴⁷ (Coleção “Roteiro visuais no Brasil”), e Mira Schendel: a travessura: caderno-ateliê, de Renata Sant’Anna e Valquíria Prates⁴⁸. A primeira obra, sóbria e rigorosa, aglutina imagens pouco acessíveis e explicações muito precisas e consistentes sobre a arte indígena, produzida antes e depois da chegada dos europeus; a outra se assume como um “caderno-ateliê”, que subverte as convenções visuais e espaciais do objeto-livro, convidando o leitor a interagir de forma travessa com a obra e a experimentar de modo lúdico os processos criativos semelhantes aos da artista em foco.

Das crianças Ikpeng para o mundo, adaptado e ilustrado por Rita Carelli⁴⁹, integra a Coleção “Um Dia na Aldeia”, cujos livros foram desenvolvidos a partir de uma escola de cinema para povos indígenas. Assim, cada livro está diretamente ligado a um filme, que vem anexo ao livro em DVD. *De roda em roda: brincando e cantando o Brasil*, de Teca Alencar de Brito⁵⁰, e *Brincadeiras cantadas de cá e de lá*, de Maristela Loureiro e Ana Tatit⁵¹, são obras que estão associadas também a outros suportes para sua plena fruição, respectivamente um CD no caso da primeira, e de um CD e um DVD no caso da segunda, ambas empenhadas em lançar mão dos recursos disponíveis para difundir certa tradição musical popular brasileira.

Também no âmbito da música, três outras obras se revelam extremamente atraentes e provocadoras para os mais diferentes tipos de leitor: *Aula de samba: a História*

do Brasil em grandes sambas-enredo, de Maria Lucia Rangel e Tino Freitas⁵²; *Memórias póstumas de Noel Rosa*: uma longa conversa entre Noel e São Pedro num botequim lá do céu, de Luciana Sandroni⁵³; *Carmen, a grande pequena notável*, de Heloisa Seixas e Julia Romeu⁵⁴. Os títulos das obras falam por si e o currículo excepcional dos autores assegura a qualidade dos textos informativos, vazados em linguagem adequada ao público alvo.

Os livros de poesia infantil têm vivido um momento particularmente bom no país, com uma expansão no segmento difícil de imaginar há cerca de uma ou duas décadas, quando se podia contar nos dedos das mãos o número de boas obras de poesia infantil brasileira, geralmente sempre dos mesmos autores – Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Henriqueta Lisboa, Sidonio Muralha e José Paulo Paes –, e o grosso da produção “poética” se resumia, então, a textos moralizantes e escolarizados.

Atualmente a produção de títulos de poesia infantil brasileira corresponde a cerca de 8 a 10% de toda a produção do segmento, o que significa que por volta de 100 títulos novos são lançados anualmente. Um número e tanto! Para que isso tenha vindo a ocorrer, certamente contribuíram os estímulos das diretrizes curriculares federais, estaduais e municipais, que têm enfatizado o papel importante a ser desempenhado pelo trabalho com a poesia na escola, particularmente no momento de iniciação ao letramento literário, e a consequente aquisição de títulos de poesia pelos programas governamentais de compra de livros.

Assim, no biênio 2013/2014, para além das obras de poesia já comentadas, ganhadoras de prêmios, houve a publicação de diversos outros títulos de boa qualidade. *Zoo zoad*, de Fabrício Corsaletti⁵⁵, oferece um bom exemplo da poesia de alto nível produzida por uma nova geração de poetas, com os poemetos enxutos que faz, à moda de haikais, impregnados de humor e surpresa. O haikai, aliás, por ser forma curta, tem sido vinculado com frequência à literatura infantil brasileira. Leo Cunha⁵⁶, em *Haicais para filhos e pais*, explora com bons resultados essa seara, optando por haikais não ortodoxos, que não vão buscar seus motivos na natureza, nas estações do ano ou no tempo e seus ciclos, mas, sim, em temas familiares urbanos. O formato pequeno do livro, quadrado, bem como as ilustrações geometrizadas de Guazzelli, integra-se perfeitamente ao universo instaurado pelo texto verbal.

Após o sucesso de sua antologia de poemas lançada em 2013, Adriana Calcanhoto publicou nova antologia em 2014, voltando-se, ela também, desta vez, ao haikai: *Haicai do Brasil*⁵⁷. Diferentemente da antologia anterior, embora as ilustrações também sejam da autora, passam a ser nesse volume abstratas e a natureza dos poemas é mais densa e sugere menos empatia com o público

infantil. Registra-se a presença de autores de peso como Bandeira, Drummond e Leminski, entre tantos outros.

Não pode deixar de ser mencionado aqui um dos livros mais impressionantes dentre os lançamentos de 2014 – *Desequilibristas*, de Manu Maltez⁵⁸. Na linha dos excepcionais trabalhos que o multiartista (músico, desenhista, escritor, cineasta) tem publicado⁵⁹, a obra de pronto resiste a ser enquadrada neste ou naquele gênero. O livro de capa dura, de tamanho grande, grosso, faz pensar num romance; folheando-o, perguntamo-nos se não é um livro de imagens, um “livro de arte”?; iniciada a leitura, pensamos em poesia – um poema narrativo? A epígrafe acena para a ideia de poesia e já introduz o tema: “[texto para declame em via pública, sobre um skate, PELA CIDADE EM CHAMAS]”. No mais é entregar-se à sucessão de gravuras de grande efeito, de intenso movimento, de impactante dramaticidade, remetendo ao universo do skate e da implacável cidade grande.

Em cima daquela serra, do poeta carioca Eucanaã Ferraz⁶⁰, apresenta ao leitor um poema narrativo, com ritmo e temática emprestados à tradição oral, convidando a uma fruição bastante lúdica e musical. As ilustrações geometrizadas de Yara Kono, com um quê de *naïf*, criam uma leve tensão com o texto verbal, ampliando seus sentidos. *Os incomodados que se mudem*, de Márcia Leite⁶¹ também relê conhecida cantiga infantil subvertendo seu sentido original de maneira simples e criativa. Nessa obra especialmente cara a leitores iniciantes, as ilustrações desempenham um papel crucial para criar a atmosfera tensa da narrativa, que evolui num suspense crescente até seu *gran finale*, cômico e crítico.

Três outros livros de poesia lançados em 2014 assumem de forma mais ou menos explícita o que para muitos é extremamente polêmico, quem sabe mesmo herético: a ideia de que essas obras constituam exemplos específicos do gênero *literatura juvenil*. No título de uma delas, de Sérgio Capparelli⁶², a provocação já se explicita no título da obra: *O rapaz do metrô: poemas para jovens em oito chacinhas ou capítulos*. A quarta capa de *Blue e outras cores do meu voo*, de Jorge Miguel Marinho⁶³, por sua vez, diz que o autor “consegue abrandar o experimentalismo e completar com uma poética jovial”. *Futurações*, de Caio Riter⁶⁴, além de possuir um projeto gráfico típico de obras juvenis, revela, na biografia do autor, esse mesmo desejo de buscar o público juvenil: “... certa vez, fui me dando conta que há poucos poemas para jovens: poesia que possa falar das coisas de adolescer, das futurações que tanto atraem e inquietam a juventude”. São três títulos de dois poetas bissexto (Riter e Marinho) e um que tem maior produção poética do que ficcional. No conjunto, são bastante consistentes.

No que diz respeito aos livros de imagens, pode-se dizer que a produção nacional ainda deixa a desejar. Embora nos últimos anos já haja uma publicação regular de cerca de 30 títulos por ano de obras de artistas brasileiros, com pequenas variações, nem sempre a qualidade se faz presente na maior parte do conjunto. Chama a atenção que tem havido seguidas premiações de livros de imagens de ilustradores estrangeiros em detrimento dos autores nacionais. No biênio 2013/2014 algumas poucas obras se destacam por sua qualidade. É o caso da multipremiada Angela Lago, que, na obra excepcional *O cântico dos cânticos*⁶⁵, cria belíssimas ilustrações labirínticas, onde o par amoroso associado ao trecho bíblico se perde, em enfoques tomados de ângulos inusitados e irrealis, reportando-se a referências as mais diversas da tradição pictórica (iluminuras, Barroco, Escher etc.).

Os pontos cardeais acrobatas, de Andrés Sandoval⁶⁶, além de livro de imagens, é uma espécie de livro-brinquedo, já que pode ser lido com a ajuda de um óculos 3D anexo à obra. Explora, como ideia central, a tradicional brincadeira infantil da cama de gato. *Super Zeróis*, de Marcelo Cipis⁶⁷, também fica na zona de fronteira entre o livro-brinquedo e o livro de imagens, executado segundo uma concepção ousada, que convida o leitor tanto a uma leitura convencional, quando o livro está “encadernado” com um elástico, quanto a uma desconstrução do objeto-livro, que se transforma num conjunto de cartas passíveis de ser ordenadas em sequências diferentes ou encaixadas entre si, formando objetos tridimensionais. *Chão de barro*, de Mario Vale⁶⁸; *Menino-arara*, de Adriana Mendonça⁶⁹; e *O gato e a raposa*, de Alexandre Camanho⁷⁰, são alguns outros livros de imagens que alcançaram boas soluções estéticas, apesar da linearidade das narrativas que instauram.

Na categoria *criança*, do mesmo modo como foi apontado para o caso dos livros de imagens, as coisas poderiam estar melhor. É significativo que se constate numa análise do conjunto da produção no período, ainda que não existam dados muito precisos sobre isso e se trate de uma análise aproximativa das obras disponíveis no acervo utilizado para exame, que houve uma diminuição de cerca de 30% no número de títulos lançados da categoria *criança* em 2014, tanto no caso das obras brasileiras, quanto no das traduções. Categoria em que sempre se tem o maior percentual de títulos publicados anualmente em relação à produção global de LIJ (entre 30 e 35% do todo), talvez tenha sido aquela que foi afetada de forma mais direta pela retração econômica vivida no país no ano de 2014, como vem sendo apontado por variadas estatísticas sobre o período que começam a vir à tona.

Ainda que haja títulos de boa qualidade no conjunto da categoria, revelou-se um pouco mais de dificuldade para identificá-los, sugerindo certa mesmice na produção

analisada, certa repetição de temas e formas, como se esviassem se exaurindo – ainda que temporariamente, não se sabe – projetos mais criativos de narrativas dirigidas à criança. Não há quase novidade, não há maiores surpresas, grande parte da produção tem um ar de *dejà vu*. O que destoia, por exemplo, do momento mais fecundo atravessado pela produção destinada aos jovens, produção que vem arriscando e experimentando mais, tanto no nível temático quanto formal.

Orie, de Lúcia Hiratsuka⁷¹, é uma bela exceção à regra nesse cenário estagnado que se aponta aqui. A escritora e ilustradora revela estar num momento de grande maturidade artística, alcançando um resultado literário de rara beleza para narrar a história da menina oriental, filha de barqueiros, que passa pelas delícias e dores do crescimento. A integração entre imagens e texto verbal é magnífica e o ritmo assumido pela linguagem mimetiza de forma arguta a passagem do tempo tematizada pela obra.

Em *A menina Cláudia e o rinoceronte*, Ferreira Gullar⁷² é autor do texto verbal, assim como das ilustrações. Faz-se presente uma narrativa essencialmente lúdica, em que o texto “finge” ser produto do acaso produzido por uma contínua brincadeira com centenas de papéis recortados e coloridos, que vão gerando sucessivas formas de animais – rinoceronte, hipopótamo, capivara, jacaré, elefante, tatu e até mesmo bichos sem nome.

Algumas obras publicadas no biênio 2013/2014 inserem-se numa linha não necessariamente verista ou documental, mas mais afinada com a tradição do romance de crítica social. Buscam, cada uma à sua maneira, caminhos para tematizar as questões sociais que lhe são caras, sem descuidar do caráter simbólico da literatura e de um trabalho cuidadoso no nível da forma.

Os invisíveis, de Tino Freitas⁷³, constitui uma obra pungente, em que texto verbal e ilustração estão plenamente imbricados. A narrativa curta consegue abordar um sério problema social num tom acessível aos leitores iniciantes – o da “invisibilidade” de inúmeras pessoas nos centros urbanos, tamanho o grau de exclusão social de que são objeto. Ilustrações muito precisas, que se valem apenas de silhuetas, expandem os sentidos do texto verbal de maneira bastante expressiva. São vazadas em apenas quatro cores – preto, branco, cinza e laranja fluorescente, que propicia um vibrante contraste com as outras cores. Valem-se por vezes, de formas geometrizadas e quase sempre sangram para fora da página. Magnetizam o olhar do leitor, oscilando entre o estridente e o melancólico, de forma a reforçar o veio crítico do texto, de sentido profundamente humanizador. *Um menino chamado Raddysson e mais os meninos de Portinari*, de Ziraldo⁷⁴, aborda a temática dos meninos de rua, tomando como

ponto de partida uma experiência concreta vivida pelo escritor há mais de três décadas. Para o projeto gráfico da obra, Ziraldo se socorre de um conjunto de pinturas de Portinari que jogam seu foco nesses meninos brasileiros crescidos à margem da sociedade; ao final do livro, o artista mineiro emprega desenhos de sua autoria, num resultado de conjunto não menos do que comovente. Em *A velha história do peixinho que morreu afogado*, Marília Pirillo⁷⁵, auxiliada pelas desconcertantes ilustrações de Guazzelli, plenamente integradas à temática de sua narrativa, aborda o estilo de vida alucinado que os homens levam na cidade grande e que os conduz à solidão, remetendo a uma história popular de que se valeram escritores como Mário Quintana e Monteiro Lobato para fazer sua literatura, numa oportuna homenagem.

Outras obras operam numa zona de fronteira, em que parece pouco interessar a seus autores inserir-se num gênero preestabelecido, para criar obras ambíguas, que flertam com a poesia, com a narrativa, com o ensaio, com as máximas, com os *livros de palavras*, canalizando esforços para, antes de tudo, a consecução de textos criativos e que estejam visceralmente integrados às ilustrações. Nesses casos, estabelece-se entre texto verbal e não verbal uma complementaridade vital para o “funcionamento” da obra. *Pelo nariz*, de Arthur Nestrovski⁷⁶, com as ilustrações de ar retrô de Marcelo Cipis, insere-se plenamente nesse horizonte, explorando às últimas consequências o tema do olfato, abordado numa clave cômica e poética, ao mesmo tempo. Eva Furnari⁷⁷, em *Listas fabulosas*, desestabiliza o leitor com suas personagens bizarras, maníacas por listas, e com as listas em si, impregnadas de nonsense, mas ao mesmo tempo inteligentes, irreverentes, polissêmicas, metalinguísticas, transgressoras. *O livro do acaso*, de Nelson Cruz⁷⁸, inova ao fazer uma colagem de 18 frases curtas (por vezes, versos) de grandes escritores de diferentes séculos (Florbela Espanca, João do Rio, Padre Antonio Vieira, Lima Barreto e muitos outros), para compor uma narrativa muito bem coesa, fluente e romântica ao extremo, em estreita interação com ilustrações vibrantes, belas e criativas.

No biênio 2013/2014, as traduções, embora tenham se retraído, principalmente no ano de 2014, proporcionaram ao leitor brasileiro o acesso, em grande estilo, a obras de diferente natureza e que só fizeram se valorizar frente ao tratamento recebido. Na linha de publicar ao menos um grande clássico por ano em projeto editorial renovado e requintado, dois lançamentos da Editora Cosac Naify merecem destaque – *Mary Poppins*, de P. L. Travers⁷⁹, com ilustrações de um dos maiores estilistas brasileiros da atualidade, Ronaldo

Fraga, e tradução do escritor Joca Reiners Terron; *Esopo – fábulas completas*, nova tradução das fábulas do célebre escritor grego, realizada pela especialista em literatura clássica Maria Celeste C. Dezotti (Unesp), com base no cotejo de diversas edições do autor e incluindo diversas fábulas que eram ainda inéditas no Brasil. Complementam magistralmente a edição os desenhos do jovem artista Eduardo Berliner, que, empregando referências contemporâneas, cria vibrantes tensões com o texto clássico, expandindo seus sentidos.

Uma outra tradução marcante no conjunto da produção 2013/2014 é *Gargântua*, de François Rabelais⁸⁰, obra composta por excerto adaptado por Christian Poslaniec, escritor e importante especialista francês em literatura infantil, apresentada ao leitor num livro de tamanho gigante, à altura do grande clássico humanista. *Alice no jardim de infância*, de Lewis Carroll⁸¹, é outro clássico que veio à luz em português para os leitores brasileiros.

Em meio às diversas traduções publicadas no país no último biênio, foram editados há pouco tempo escritores contemporâneos que alcançaram grande sucesso no exterior e ainda não haviam sido publicados no Brasil, tais como Anthony Browne, o escritor e ilustrador inglês ganhador do Prêmio Hans Christian Andersen de 2000, autor de *Vozes no parque*⁸² e *Na floresta*⁸³. Também é o caso da obra conhecidíssima *A parte que falta*, de Shel Silverstein⁸⁴.

Há também obras recentes, de muito boa qualidade, que só fazem dinamizar o universo da literatura infantil no Brasil. São edições simples, mas que contam com a força de seus textos, ousados, renovadores e muito bem-humorados – é o caso de *Chapeuzinho redondo*, de Geoffroy de Pennart⁸⁵, ou de *Meu bicho de estimação*, de Yolanda Reyes⁸⁶. E há edições com projetos gráficos mais sofisticados, em que o texto verbal encontra respaldo na exploração da materialidade do livro levada às últimas consequências, tal como se dá no belíssimo livro-sanfona *Migrar*, do escritor mexicano José Manuel Mateo⁸⁷, ou na obra *Abra este pequeno livro*, de Jesse Klausmeier⁸⁸, em que diversos livros, em tamanho decrescente, vão se inserindo um dentro do outro, numa solução gráfica totalmente integrada ao conteúdo metaficcional da obra.

6. A hora e a vez da literatura juvenil

No breve balanço que se fez até aqui sobre a produção da literatura infantil brasileira no biênio 2013/2014, o saldo geral de realizações é, de um modo geral, positivo. Se foi observado que categorias como *criança* e *livro de imagens* ficaram um pouco aquém das expectativas, havendo

uma certa repetição de temas e formas já explorados na produção dos últimos anos, havendo mesmo uma diminuição significativa de novos títulos editados na categoria *criança*, por outro lado, categorias como *reconto*, *livro informativo* e *poesia* demonstraram estar numa fase de gradativa expansão e aprimoramento, o que só tende a fortalecer a área.

No entanto, é tempo de tratar com especial atenção aqui da categoria *jovem*, até então apenas tangenciada: é esse o segmento que francamente vem crescendo a passos largos nos últimos anos, seja do ponto de vista quantitativo, seja do ponto de vista qualitativo. Se certos dados apresentados nas tabelas, como o número de títulos de literatura juvenil em circulação em 2013 (1.685) ou o número de exemplares comercializados no mercado (20.315.473), são, por si, muito expressivos, também o aumento recente do número de lançamentos de títulos juvenis nacionais inscritos para a seleção anual da FNLIJ, que passa de 120, em 2013, a 140, em 2014⁸⁹, precisamente quando as demais categorias estão encolhendo, muito possivelmente devido à crise econômica, é um índice bastante relevante da força que a categoria *jovem* adquiriu no presente.

Em meio a esse grande número de títulos juvenis, muitos deles de excelente qualidade, vale a pena destacar aqui alguns. Ana Maria Machado, escritora prolífica, publicou em 2013 um título ao qual dedicou especial atenção, como declarou em muitas entrevistas concedidas por ocasião do lançamento da obra. Trata-se de *Enquanto o dia não chega*⁹⁰, obra ambientada no século XVII, cuja realização se deu ao longo de quatro anos, exigindo farta pesquisa de dados históricos e de linguagem. Curiosamente, a obra tem muitos pontos de contato com o romance de Ricardo Azevedo lançado no mesmo ano, *Fragosas brenhas do mataréu*, embora esse seja ambientado em meados do século XVI e possua um protagonista solitário. Na narrativa ágil de Ana Maria Machado, quatro jovens estão no centro da ação; têm suas vidas entrelaçadas e lutam pela sobrevivência em pleno período colonial brasileiro. Escravidão, catequese dos índios, quilombos, tudo ajuda a compor o pano de fundo dessa aventura que envolve três continentes – Europa, América e África. Numa trajetória em busca da liberdade, as experiências individuais próprias da idade imbricam-se ao contexto violento e conturbado da época.

Luís Dill, jornalista gaúcho cujo nome é de imediato associado à literatura juvenil, teve duas obras lançadas no biênio 2013/2014 que merecem particular destaque. Foram pinçadas das doze (!) que lançou no período: *Destino sombrio*⁹¹ e *O telephone*⁹². Para fisgar o jovem leitor, Dill aposta no uso farto de diálogos nas duas obras – o que, por vezes, aproxima sua escrita do teatro e dos roteiros de TV e cinema. Além disso, constrói enredos

originais e bem urdidos e, sobretudo, recorre ao *suspense*, manipulando informações num contínuo jogo de esconder/mostrar. As duas obras flertam com o gênero policial, embora a *O telephone* tenham sido incorporadas também algumas doses do *fantástico*. O foco temático centrado na questão das armas e da violência aproxima ainda mais as duas obras.

Outro gaúcho, Caio Riter, que também costuma ser imediatamente associado à literatura juvenil, lançou diversos títulos no biênio 2013/2014. Dois se destacam: *Apenas Tiago*⁹³ e *Dois vezes na floresta escura*⁹⁴. O primeiro envereda por uma trilha hoje já bem consolidada na literatura brasileira (infantil, juvenil e adulta), a de narrativas que abordam a situação de crianças e jovens em situação de exclusão – tais como *Pivete*, de Henry Corrêa de Araújo, ou *Pivetim*, de Délcio Teobaldo. A obra de Riter trilha um caminho próprio ao se revelar como uma espécie de diário, razoavelmente fragmentário, de um rapaz que cometeu um crime e está detido numa casa voltada ao “acolhimento” de menores infratores. O registro em primeira pessoa do protagonista Tiago é verossímil e encontra respaldo no projeto gráfico do livro, que imita um caderno pautado. O outro título publicado por Riter entrelaça uma trama criminal a uma típica narrativa de formação (*Bildungsroman*), em que o leitor é levado a acompanhar o cotidiano da adolescente Susana em uma cidade interiorana, para onde é abruptamente deslocada devido a uma mudança no trabalho de seu pai.

Heloisa Prieto, em *O jogo dos tesouros*⁹⁵, exorciza velhos fantasmas da juventude ao tratar, de maneira deliberadamente lacunar, de situações do cotidiano da adolescente Marinês (Marilouca), de seus amores e amizades, de suas reflexões e angústias. Na vida de Marinês, sua existência deveria ser mediada pelo jogo que inventou para si mesma, “O jogo do Tesouro Secreto”; em princípio, o jogo teria o propósito de fazê-la sentir-se mais segura e enfrentar seus conflitos pessoais. Mas as coisas não se passam de forma planejada, como espera. As ilustrações de Jan Linpens, estampadas em tamanho bem grande, num livro de formato igualmente grande, remetem ao universo das histórias em quadrinhos e criam uma atmosfera contemporânea para a obra, afinada com o desejo de autonomia e liberdade da protagonista.

Dois outros lançamentos que chamam atenção, por diferentes razões, são *Nós 4*, de João Anzanello Carrascoza e Vivina de Assis Viana⁹⁶, e *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Jr⁹⁷. No primeiro caso, trata-se de uma parceria entre a escritora mineira e o escritor paulista, numa obra escrita a quatro mãos, reproduzindo e-mails trocados por dois interlocutores. Há pouco mais de duas décadas, Vivina de Assis Viana teve uma experiência feliz na realização de obra dessa tipo. Seu interlocutor foi Ronald Claver e cada um dos dois escritores assumiu a persona

de uma personagem, que passou a trocar com o outro, não e-mails (eram tempos pré-internet), mas cartas, que, reproduzidas, deram origem a *Ana e Pedro*⁹⁸. Essa obra, tratando da relação dos dois jovens e também tocando em questões do contexto político da época, fez sucesso, chegou até a 30.a edição e ainda está em catálogo no formato de livro eletrônico. *Nós 4* instaurou mudanças em relação à narrativa epistolar de 1990: o objeto-livro foi dividido ao meio, de tal modo que o leitor, na verdade, tem acesso a “dois livros”: começando por uma das capas, tem a história de Rafa e Juju, as personagens criadas por Viviana e João; virando o livro de ponta-cabeça e começando pela outra capa, o leitor tem acesso aos e-mails trocados por João e Viviana ao longo da elaboração do livro – processo que se inicia em 2009, produto de um acordo que os dois autores tinham feito em 1994 –, que, no conjunto, compõem uma espécie de *making of* do livro de Rafa e Juju. Torna-se mais instigante ainda para o leitor descobrir que as histórias vão se interpenetrando, em mão dupla, criando-se uma dimensão metaficcional.

Quanto a *Eu é um outro*, trata-se da estreia de Hermes Bernardi Jr⁹⁹, na literatura juvenil. Escritor de literatura infantil há mais de 15 anos, acerta a mão ao aventurar-se por outras plagas. Apesar de assumir uma empreitada arriscada, ao fazer sua iniciação no gênero com uma narrativa de cunho essencialmente psicológico, de estrutura fragmentária e que trata de tema visto por muitos como polêmico – a homossexualidade –, constrói uma obra literária de muito boa qualidade. A narrativa prende a atenção, consegue não ser hermética para um leitor em formação e apresenta um jovem narrador-protagonista convincente, tanto do ponto de vista de sua composição geral como personagem quanto pela linguagem de que se vale para contar a história. É difícil ficar indiferente a esse rapaz que, enquanto aguarda numa sala de espera sua primeira sessão com um psiquiatra, nos facultta conhecer de modo bastante subjetivo um episódio de grande violência física que sofreu num estádio de futebol, as consequências para sua psique provocadas por esse ato e, acima de tudo, o conflito intenso que vive para assumir para si mesmo e para os outros sua identidade sexual e seu amor por outro rapaz.

Mas o segmento juvenil não se faz somente de narrativas longas de natureza mais assumidamente literária, como as até aqui comentadas. Há muitos títulos que compilam textos curtos (crônicas, contos, mini-ensaios, textos de natureza híbrida etc.) em volumes que recebem um tratamento editorial voltado a atrair o jovem (páginas coloridas, caracteres grandes, ilustrações, paratextos diversos). São destacados aqui quatro títulos de conhecidos autores que publicaram volumes organizados segundo as convenções desse nicho, ainda que, em alguns casos, os textos tenham sido originalmente publicados em outros

veículos: *Qualquer coisa*, de Fernando Bonassi¹⁰⁰; *Como uma carta de amor*, de Marina Colasanti¹⁰¹; *Um paraíso a mais*, de Fabrício Carpinejar¹⁰²; e *Isto também passará*, de Angela-Lago¹⁰³.

Para finalizar estas considerações e ser menos parcial na análise e avaliação da produção de literatura juvenil brasileira num balanço como este, é preciso enfatizar que houve aqui a opção por comentar basicamente os autores e obras premiados e alguns outros destaques dentre aqueles títulos que têm sido inscritos por suas editoras junto à FNLIJ para a seleção anual. A seleção, como se sabe, desemboca na premiação principal ou na concessão do Selo “Altamente Recomendável da FNLIJ”, distinção significativa, que valoriza as obras e impulsiona sua circulação.

Não foram comentados aqui, entretanto, obras juvenis de autores brasileiros que têm alcançado grande penetração popular e têm atingido altíssimas tiragens. São títulos que, em geral, emulam ou tomam por referência obras de língua inglesa, sobretudo as norte-americanas; boa parte das vezes estão associadas a séries; e, em geral, desencadeiam fenômenos de massa junto aos leitores, como reuniões de fãs-clubes, presença maciça em noites de autógrafos, festas ligadas a *cosplay*, entre outros. É o caso, por exemplo, de Paula Pimenta, com as obras que compõem as séries “Fazendo o meu filme” (4 vol.) e “Minha vida fora de série” (2 vol.). Não se pode ignorar que a escritora, em 2014, teve sete títulos entre os vinte livros mais vendidos de autores brasileiros no país durante o ano, incluídas todas as categorias – ficção, não-ficção, autoajuda etc. É o caso também de Thalita Rebouças, com as séries “Fala sério” e “Procura-se um namorado”; e dos escritores brasileiros que produzem no gênero *fantasy*, como Raphael Draccon, autor da série “Dragões de éter”, e Eduardo Spohr, autor da série “Filhos do Éden”.

Se esses escritores nem sempre são legitimados pelas instituições literárias, convém não esquecer que prestam um trabalho notável à formação de leitores num país de tradição iletrada e agregam valor simbólico importante à leitura e à literatura quando ocupam os espaços a eles concedidos na grande mídia, assumindo o papel de escritores que são, sim, ídolos juvenis, tal como se dá com vários autores estrangeiros. Os fãs-clubes, as filas quilométricas dos jovens nas bienais para conseguir um autógrafo de seus autores prediletos, os desmaios, a confusão nos templos das letras, também são parte do que aconteceu no mundo da literatura juvenil durante o biênio 2013/2014. São fatos que trazem um pouco de contradição para os diagnósticos apocalípticos de certas pesquisas e a arenga de certos professores obcecados pela ideia de que os jovens não gostam de ler. São fatos que nos obrigam a pensar os fenômenos da leitura e do letramento literário sob perspectivas mais complexas e nos convidam a conhecer o conjunto dessa produção juvenil de forma mais vertical.



João Luís Ceccantini possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Assis (1987), onde também realizou seu mestrado (1993) e doutorado em Letras (2000). Atualmente é professor assistente doutor da UNESP, instituição em que trabalha desde 1988. É coordenador do Grupo de Pesquisa Leitura e Literatura na Escola e do Grupo de Trabalho da ANPOLL Leitura e Literatura Infantil e Juvenil. É votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

Texto publicado no Anuario Iberoamericano sobre el Libro Infantil y Juvenil. Madrid: Fundación SM, 2015. p. 87-114.

Notas

- ³⁶ Il. Walter Lara. *Belo Horizonte: Mazza Edições*, 2013.
- ³⁷ Il. Salmo Dansa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- ³⁸ Il. Taísa Borges. São Paulo: FTD, 2013.
- ³⁹ Il. Mauricio Negro. *Belo Horizonte: Autêntica*, 2013.
- ⁴⁰ Il. Cíça Fittipaldi. São Paulo: Editora DCL, 2013.
- ⁴¹ Il. da autora. *Rio de Janeiro: Pallas Míni*, 2014.
- ⁴² Il. Laurent Cardon. São Paulo: FTD, 2013.
- ⁴³ Il. Ionit Zilberman. São Paulo: Escarlate, 2013.
- ⁴⁴ Il. Edu A. Engel. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- ⁴⁵ Il. Walter Lara. *Belo Horizonte: Abacatte*, 2013.
- ⁴⁶ São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- ⁴⁷ São Paulo: Claro Enigma, 2014.
- ⁴⁸ São Paulo: Paulinas, 2014.
- ⁴⁹ São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- ⁵⁰ Il. Taísa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- ⁵¹ Il. Ana Tatit. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- ⁵² Il. Ziraldo. *Rio de Janeiro: Edições de Janeiro; MaisArte*, 2014. [CD de áudio anexo]
- ⁵³ Partituras Maria Clara Barbosa; Il. Gustavo Duarte. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- ⁵⁴ Il. Graça Lima. *Rio de Janeiro: Edições de Janeiro*, 2014.
- ⁵⁵ Il. Guazzelli. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- ⁵⁶ Il. Salmo Dansa. *Rio de Janeiro: Galerinha Record*, 2013.
- ⁵⁷ Il. da autora. *Rio de Janeiro: Edições de Janeiro*, 2014.
- ⁵⁸ São Paulo: Peirópolis, 2014.
- ⁵⁹ *O corvo* (São Paulo: Scipione, 2010); *Meu tio lobisomem – uma história verídica* (São Paulo: Peirópolis, 2011); *O diabo era mais embaixo* (São Paulo: Scipione, 2012).
- ⁶⁰ Il. Yara Kono. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.
- ⁶¹ Il. Anita Prades. São Paulo: Pulo do Gato, 2014.
- ⁶² *Rio de Janeiro: Galera Record*, 2014.
- ⁶³ Il. Raquel Matsushita. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.
- ⁶⁴ Il. Ana Grusynski. *Porto Alegre: Projeto*, 2014.
- ⁶⁵ São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ⁶⁶ São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ⁶⁷ São Paulo: Cosa Naify, 2013.
- ⁶⁸ *Belo Horizonte: RHJ*, 2014.
- ⁶⁹ *Belo Horizonte: Baobá*, 2014.
- ⁷⁰ São Paulo: SESI-São Paulo Editora, 2014.
- ⁷¹ Il. da autora. *Rio de Janeiro: Pequena Zahar*, 2014.
- ⁷² Il. do autor. *Rio de Janeiro: José Olympio*, 2013.
- ⁷³ Il. Renato Moriconi. *Rio de Janeiro: Casa da Palavra*, 2013.
- ⁷⁴ Il. do autor. São Paulo: Melhoramentos, 2014.
- ⁷⁵ Il. Guazzelli. *Rio de Janeiro: Edições de Janeiro*, 2014.
- ⁷⁶ Il. Marcelo Cipis. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ⁷⁷ Il. da autora. São Paulo: Moderna, 2013.
- ⁷⁸ Il. do autor. *Belo Horizonte: Abacatte*, 2014.
- ⁷⁹ Il. de Ronaldo Fraga. Trad. Joca Reiners Terron. Posfácio de Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- ⁸⁰ *Sel. e adapt. ao francês moderno Christian Poslaniec. Il. Ludovic Debeurne. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edições SM*, 2013.
- ⁸¹ Il. Sir John Tenniel. Trad. Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- ⁸² Il. do autor. Trad. Clarice Duque Estrada. *Rio de Janeiro: Pequena Zahar*, 2014.
- ⁸³ Il. do autor. Trad. Clarice Duque Estrada. *Rio de Janeiro: Pequena Zahar*, 2014.
- ⁸⁴ Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ⁸⁵ Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Escarlate, 2013.
- ⁸⁶ Trad. Marina Colasanti. Il. Mariana Massarani. São Paulo: FTD, 2013.
- ⁸⁷ Il. Javier Martínez Pedro. *Rio de Janeiro: Pallas*, 2013.
- ⁸⁸ Il. Suzy Lee. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ⁸⁹ *Dados obtidos por meio da contagem de títulos inscritos pelas editoras para a votação do Prêmio anual FNLIJ.*
- ⁹⁰ Il. Rodrigo Rosa. *Rio de Janeiro: Objetiva*, 2013.
- ⁹¹ São Paulo: Seguinte, 2013.
- ⁹² São Paulo, Gaivota, 2014.
- ⁹³ Il. Pedro Franz. *Curitiba: Positivo*, 2014.
- ⁹⁴ São Paulo: Gaivota, 2014.
- ⁹⁵ *Porto Alegre: Edelbra*, 2014.
- ⁹⁶ *Belo Horizonte: Autêntica*, 2014.
- ⁹⁷ *Porto Alegre: Edelbra*, 2014.
- ⁹⁸ São Paulo: Atual, 1990.
- ⁹⁹ *O escritor, nascido em 1965, faleceu em novembro de 2015.*
- ¹⁰⁰ São Paulo: FTD, 2014.
- ¹⁰¹ Il. da autora. São Paulo: Global, 2014.
- ¹⁰² *Porto Alegre: Edelbra*, 2014.
- ¹⁰³ *Belo Horizonte: Baobá*, 2014.



ENCARTE NOTÍCIAS 05 | MAIO 2016

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra